Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Midiatização e Letramento Midiático: práticas, disputas e táticas na implementação da Educação Digital
Mediatization and Media Literacy: practices, disputes and tactics in the implementation of Digital Education

Carla Sena dos Santos Pinto
Eloisa Fatima Figueiredo Semblano Gonçalves

Palavras-chave: Midiatização; Cotidiano Escolar; Letramento Midiático.

1. Introdução

Os estudos sobre midiatização proporcionaram um aprofundamento teórico fundamental para compreender os modos pelos quais os processos comunicacionais atravessam e reconfiguram o cotidiano contemporâneo. Tornou-se evidente que a midiatização não pode ser reduzida à presença técnica dos meios, mas deve ser compreendida como processo cultural de longa duração, segundo Verón (Ferreira, 2024), ao reorganizar práticas sociais, instituições e formas de produção de sentido.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a midiatização opera como uma ambiência estruturante da vida social, na medida em que redefine os modos de interação, de reconhecimento e de legitimação. Trata-se de um deslocamento que ultrapassa a dimensão instrumental das tecnologias e incide sobre a própria organização do cotidiano. Esse deslocamento epistemológico é decisivo para que se possa analisar a implementação da Educação Digital no Brasil com a complexidade que ela exige, evitando tanto o entusiasmo tecnológico acrítico quanto o pessimismo determinista.

Para tanto, este estudo pretende dialogar com o conceito de cotidiano, a partir das contribuições de Michel de Certeau (2014) para sustentar a análise. Considera-se como recorte as contribuições registradas no Fórum de Discussão do curso de Especialização em Educação Digital e Inovação Pedagógica na Educação Básica, promovido pelo MEC por intermédio do AVA/UFMS para gestores e educadores, a fim de apoiar a implementação do Currículo de Educação Digital nas redes públicas de ensino.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

2. Midiatização e Cotidiano

Ao tratar dos processos comunicacionais a partir das práticas sociais e culturais, Martín-Barbero (2009) pontua que "o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações" (Martín-Barbero, 2009, p.258). Ou seja, a comunicação está na mediação e não nos meios, e só pode ser compreendida em sua dimensão social, cultural e histórica.

Sodré (2002) traz o conceito de mediação como a "ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes" e define a midiatização como "uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional" (Sodré, 2002, p.21). Para Braga (2012, p.50), "na sociedade em midiatização, não são 'os meios', ou 'as tecnologias', ou 'as indústrias culturais' que produzem os processos – mas sim todos os participantes sociais, [...] que acionam tais processos e conforme os acionam".

Dessa forma, o processo comunicacional que tem a mediação na centralidade, ao comunicar, constrói um fluxo midiatizado de produção, recepção e circulação da mensagem, de acordo com os sujeitos e os campos sociais que os produzem. Stuart Hall (2003) trata dos conceitos de codificação e decodificação, ou seja, a estruturação de um código para produção da mensagem resulta em um discurso significativo, podendo fazer com que ocorra o processo de midiatização quando a circulação do produto se realiza na forma discursiva, na mídia.

Hjarvard (2015, p.54) faz uma reflexão sobre o quanto a interação social dentro das instituições cada vez mais envolve a mídia, referindo-se a uma "lógica das mídias", que representa "uma simplificação conceitual do modus operandi institucional, estético e tecnológico da mídia", contribuindo para o processo de midiatização, que ocorre por meio de padrões institucionalizados, de regras formais e informais, em determinada instituição.

Assim, práticas sociais contemporâneas são progressivamente reorganizadas segundo critérios de visibilidade, circulação e performance. Tais critérios, que estruturam a dinâmica das plataformas digitais, passam a influenciar também espaços institucionais. Nas escolas, estudantes chegam à sala de aula compartilhando experiências formativas que não se limitam ao currículo formal, mas que são constituídas em interações em rede, em consumo de conteúdos audiovisuais e em práticas comunicacionais diversas. Ao mesmo tempo, professores também se veem desafiados a reposicionar suas práticas diante de um ambiente informacional marcado pela multiplicidade de fontes e pela rapidez da circulação de discursos.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Nesse ponto, a contribuição de Michel de Certeau (2014) ao diferenciar estratégias e táticas, fornece uma base para analisar como as políticas educacionais e as estruturas institucionais influenciam as práticas cotidianas. As estratégias podem ser compreendidas como os dispositivos organizados por instâncias de poder que delimitam espaços, definem normas e estabelecem diretrizes. No contexto da Educação Digital, se materializam em documentos oficiais como a Política Nacional de Educação Digital (PNED) e em programas de formação continuada docente.

Entretanto, Certeau (2014) afirma que o cotidiano é o lugar das operações inventivas, onde sujeitos comuns produzem usos singulares a partir das estruturas disponíveis. Professores e estudantes, enquanto praticantes do cotidiano escolar, não se limitam a executar prescrições. Eles reinterpretam orientações, adaptam propostas às condições concretas de infraestrutura, negociam sentidos e produzem arranjos que, muitas vezes, escapam às intenções originais das políticas formuladas em instâncias centrais. É o que Certeau chama de *trampolinagem*, "a arte de saltar no trampolim, [...] a astúcia e esperteza no modo de driblar os termos dos contratos sociais" (2014, p.74). As táticas dos praticantes tensionam, por exemplo, as discussões no curso de Especialização promovido pelo MEC para educadores.

3. As vozes do fórum: táticas locais diante das estratégias nacionais

Essa tensão entre prescrição e apropriação, entre estratégia e tática, torna-se visível quando se consideram as contribuições registradas no Fórum de Discussão do Módulo 1, que trata das Políticas de Educação Digital no Brasil. Das 61 postagens, considerando as respostas e interações dos 32 participantes de municípios do RJ, muitas revelam que a implementação da PNED não encontra um terreno homogêneo, mas se depara com realidades profundamente distintas em termos de infraestrutura, formação docente e experiência prévia com iniciativas de educação digital. Dentre os municípios mencionados no Fórum, destacam-se os relatos de um dos maiores em termos habitacionais (Macaé), e de dois municípios menores.

Em Macaé, a articulação entre a PNED e o programa desenvolvido há mais de dez anos na rede pública municipal, oferece um exemplo de como políticas nacionais podem encontrar ancoragem em iniciativas locais já consolidadas. A chegada da PNED, nesse contexto, opera mais como legitimação e ampliação de práticas que já respondiam às demandas da cultura digital.

De modo contrastante, participantes de municípios pequenos, como Cambuci e Mendes relatam um quadro de escassez de infraestrutura e ausência de iniciativas estruturadas de formação docente. Nesses contextos, a PNED é percebida não como reconhecimento de práticas já existentes, mas como horizonte de possibilidades; um instrumento que pode catalisar, legitimar e organizar processos ainda em estágio inicial.

O que atravessa esses relatos, de maneira significativa, é a recorrência de dois eixos temáticos: a formação docente e o sentido crítico e autoral da incorporação tecnológica. Participantes de municípios distintos convergem ao afirmar que o simples acesso a equipamentos e conectividade não é suficiente para transformar as práticas pedagógicas. Uma das cursistas afirma que "não se trata apenas de entregar tablets, mas de garantir que tanto alunos quanto professores tenham letramento digital para usar a tecnologia como ferramenta de pensamento crítico, e não apenas de consumo". Essa formulação ressoa diretamente com os fundamentos teóricos para a pesquisa em letramento midiático.

4. Letramento midiático como prática social

Esse conjunto de vozes aponta para algo que a teoria da midiatização já enuncia: a presença de dispositivos tecnológicos não produz, por si só, sujeitos críticos capazes de navegar com autonomia e reflexividade pelo ambiente digital. A diferença qualitativa entre o uso instrumental e o uso crítico da tecnologia reside precisamente no que o letramento midiático se propõe a desenvolver.

Nesse cenário, o letramento midiático assume papel central na formação contemporânea. Não se trata apenas de ensinar a utilizar ferramentas digitais, mas de promover a capacidade de compreender criticamente os processos de produção, circulação e legitimação das informações. Ao considerar a midiatização como ambiência cultural, torna-se evidente que a formação escolar precisa contemplar a análise das plataformas, das estratégias discursivas e dos interesses econômicos que atravessam o ambiente digital. Cada interação em rede, seja ao compartilhar um conteúdo, comentar uma publicação ou buscar informações, envolve operações de leitura e julgamento que não são neutras.

Formar para o letramento midiático implica ampliar a consciência sobre essas operações, favorecendo o desenvolvimento de uma postura reflexiva diante dos fluxos informacionais. É o que Sodré (2012) chama de *héxis* educativa, uma alternativa para a

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

percepção das brechas existentes, não aparentes no sistema. A educação como *héxis* promove o letramento midiático crítico, sendo condição para que professores e estudantes possam participar desses ecossistemas de forma consciente e não apenas como consumidores.

Ao relacionar essa perspectiva às discussões sobre a implementação da Educação Digital, percebe-se que muitos dos desafios apontados pelas redes públicas, seja nas falas do fórum ou nos documentos de política educacional, dizem respeito não apenas à infraestrutura, mas à necessidade de formação crítica. A incorporação de tecnologias ao currículo deve estar articulada a um projeto formativo que considere autonomia intelectual, participação democrática e responsabilidade ética no uso das mídias.

5. Considerações finais: entre estratégias, táticas e o horizonte formativo

Pensar a educação na sociedade midiatizada exige reconhecer a complexidade das práticas sociais. Estratégias institucionais são fundamentais, mas sua efetividade depende das táticas cotidianas que lhes conferem sentido, a partir das condições de cada território. Professores e estudantes não são meros receptores de políticas ou tecnologias; são sujeitos que produzem usos, negociam significados e reinventam o espaço escolar, como evidenciam as vozes do fórum, provenientes de municípios com realidades distintas.

Assim, pode-se compreender que a implementação do Currículo de Educação Digital não ocorre de forma linear ou homogênea, mas sim na tensão entre estratégias institucionais e táticas cotidianas. Em contextos marcados por desigualdades estruturais, limitações de infraestrutura e lacunas na formação docente, a invenção cotidiana torna-se condição de possibilidade para a efetivação das políticas.

A articulação entre midiatização, cotidiano e letramento midiático oferece um referencial consistente para analisar os desafios e as possibilidades da Educação Digital no Brasil, de compreender a escola como espaço capaz de produzir mediações críticas e de forjar sujeitos aptos a habitar o ambiente digital com autonomia, reflexividade e responsabilidade ética. Contribui diretamente para o aprofundamento da pesquisa sobre letramento midiático, ao situá-lo como prática social inserida nas dinâmicas da midiatização contemporânea e como componente estruturante de uma educação verdadeiramente comprometida com a formação crítica e democrática.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

6. Referências Bibliográficas

BRAGA, José Luiz: Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. **Mediação & midiatização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FERREIRA, J. O conceito de midiatização em Verón: pistas para acompanhar um giro epistemológico. In: **ANAIS DA COMPÓS**, 33., 2024, Niterói.

HALL, S. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília, 2003.

HJARVARD, S. **Da Mediação à Midiatização:** a institucionalização das novas mídias. PARÁGRAFO. JUL./DEZ.2015 V. 2, N. 3 (2015).

MARTÍN-BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

SALDANHA, Patrícia. **A Ciência do Comum:** a transcendência do Bios Midiático que reordena as vinculações cotidianas. In: Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, n.25, p.191-195, 2016.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.